



Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

O MONITORAMENTO DA ESCRITA E A VALORIZAÇÃO DA NORMA-PADRÃO NAS REDES SOCIAIS

KEILLA CRISTINA DOS REIS SANTOS

RESUMO

A internet tem promovido grandes mudanças na forma de comunicação entre as pessoas. Com a popularização das redes sociais, a interação escrita passou a fazer parte do cotidiano, mas apesar de a internet ser um ambiente informal, observa-se uma valorização da norma-padrão, no entanto a exigência por uma escrita padronizada dependerá mais de quem escreve do que sobre o que se escreve e determinados desvios ortográficos serão um fator de exclusão social. Esta pesquisa analisa ocorrências de erros em relação à norma-padrão e a sua leitura nas redes sociais. A pesquisa é qualitativa e observou que os erros são usados como meio de invalidação da argumentação ou do questionamento feito pelo “infrator”. Esse resultado mostra que, embora não seja motivo de avaliação escolar, as postagens são duramente criticadas revelando os modos de operação da ideologia postulado por Thompson (2011), o que deve ser levando em conta pelo autor, uma vez que ele é o primeiro corretor de seu texto.

Palavras-chave: Desneutralização ortográfica. Exclusão social. Identidade linguística. Redes sociais.

I

¹ Graduada em Letras Português, no ano de 2006, pela Universidade de Brasília. Trabalho orientado pela Professora Doutora Solange Lustosa, como pré-requisito para conclusão do curso de pós-graduação em Revisão de Textos.

1 Introdução

As redes sociais possibilitaram um novo universo para a comunicação. Nessas novas plataformas são permitidas várias pessoas debaterem e opinarem sobre diferentes assuntos e esse processo tem sido materializado pela escrita, a qual, até então, tem prevalecido nesses espaços (principalmente no *Twitter*, no *Instagram* e no *Facebook*). Com base nesse novo cenário de comunicação, este artigo trabalhará a questão da discriminação, do preconceito linguístico, nas redes sociais, analisará os modos de operação da ideologia e a questão identitária.

Ao se referir às redes sociais, deve-se ter em mente que uma das suas principais características é ser um ambiente informal, mas, em determinadas situações, a exigência por uma escrita padrão servirá de instrumento para desvalorizar determinados grupos sociais.

Os dados para análise são trechos de conversas retiradas de redes sociais como *Facebook*, *Instagram* e outros espaços virtuais destinados a comentários em geral. Para o embasamento teórico, será utilizado o conceito de identidade e diferença de Silva (2014) e de Hall (2014); o conceito de ideologia e seus modos de operação de Thompson (2011); variação linguística de Bagno (2012) e, para conceituar gênero textual, Bakhtin (1997).

2 Língua e identidade

A língua é a representação cultural de um povo, diante disso, ela sofrerá influências dos seus falantes, sejam elas por idade, época, região, etc., promovendo uma variedade e um enriquecimento do idioma. Mas toda essa diversidade, que poderia ser encarada pela sociedade como um ganho, muitas vezes é vista como uma depreciação da língua, o que acaba por promover divisões e classificações de acordo com a maneira como o falante se expressa ou escreve.

O domínio da norma-padrão é bastante prestigiado pela sociedade e é a partir dessa valorização que uma sistemática de atitudes de poder e exclusão passa a prevalecer no senso comum dos falantes, uma vez que se estabelecem dois lados: os que conhecem a língua e os

que não a conhecem. “... O pensamento é construído em termos de oposições binárias, mas que nesses dualismos um dos termos é sempre valorizado mais que o outro: um é a norma e o outro é o ‘outro’ – visto como ‘desviante ou de fora’.” (HALL, 2014, p. 51)

No momento em que os falantes passam a ser vistos como “nós e eles”, fica evidente a marcação de identidade, pois esta surge no instante em que há uma diferenciação entre grupos. Na sociedade, as pessoas que dominam a norma-padrão exercem um poder sobre os outros falantes que estão à margem, nessa disputa, ficam definidas as identidades e reveladas quem é o opressor e o oprimido. É interessante ressaltar que as normas são conceitos essencialmente sociais, ou seja, foi um determinado grupo que estabeleceu as regras de escrita da Língua Portuguesa e, desde então, todos devem seguir. “Fixar uma determinada identidade como norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças.” (SILVA, 2014, p. 83)

Ao escolher uma norma para predominar, as outras estão fadadas à exclusão e, com essas normas, vão os seus falantes que assumem uma identidade que não é a padronizada pela sociedade e naturalmente serão subjugados diante de qualquer deslize ortográfico ou gramatical.

3 Ideologia

O conceito de ideologia apresenta, geralmente, um sentido pejorativo na nossa sociedade e a ele são atribuídas as práticas de grupos estigmatizados. Mas essa definição nem sempre foi assim, o termo ideologia assumiu diferentes significados ao longo do tempo e o sentido proposto foi sempre o mais apropriado ao período histórico em que se estava vivendo.

O filósofo francês Destutt de Tracy foi o primeiro a usar o termo ideologia e, baseado nos estudos e pensadores iluministas, defendia que a ideologia era a ciência das ideias. “Através de uma análise cuidadosa das ideias e das sensações, a ideologia possibilitaria a reestruturação da ordem social e política de acordo com as necessidades e aspirações dos seres humanos.” (*apud* THOMPSON, 2011, p.45). A contribuição de Tracy não conseguiu obter grandes avanços, pois sofreu muita pressão política na era Napoleônica.

Thompson (2011) traz várias definições de ideologia, entre elas, o conceito de ideologia defendida por Marx. De acordo com Marx, a sociedade passa a ser dividida em dois grupos, os dominantes e os dominados e a ideologia vai estar sempre a serviço do grupo dominante, ou seja, a ideologia é um conjunto de ideias que favorece e que mantém sob controle o grupo dominado. Para Marx esse formato de sociedade favorece a conservação da sociedade.

Após Marx, Thompson (2011) apresenta o conceito de ideologia aliado à sociologia do conhecimento, defendida por Karl Mannheim. De acordo com essa definição, o que predomina é o engajamento, ou seja, as pessoas, sejam elas de qualquer classe social, passam a compartilhar das mesmas ideias e pensamentos.

Como se observa, ao longo dos anos, os conceitos de ideologia apresentavam algumas distinções, mas tinham em comum o fato de apresentar ideias mobilizadoras.

Chama nossa atenção para a maneira como o sentido é mobilizado a serviço dos indivíduos e grupos dominantes, isto é, as maneiras como o sentido é construído e transmitido pelas formas simbólicas e serve, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações sociais estruturadas das quais alguns indivíduos têm um interesse em preservar. (THOMPSON, 2011, p.96)

Thompson, a partir dessas estratégias de manutenção e preservação do poder, apresenta o que denominou de “modos de operação da ideologia”, os quais são os especificados no quadro abaixo:

Quadro 1

Modos de operação da ideologia de Thompson

Modos de operação	Estratégias de construção simbólica
<p>Legitimação: relações de dominação sustentadas como legítimas</p>	<p>Racionalização: cadeias de raciocínios construídas a fim de defender e justificar relações ou instituições sociais.</p> <p>Universalização: interesses de alguns indivíduos são apresentados como sendo de todos.</p> <p>Narrativização: atos passados passado são utilizados para justificar o presente como parte de tradições aceitáveis.</p>
<p>Dissimulação: relações de poder sustentadas pelo fato de serem ocultadas, negadas ou obscurecidas, ou representadas de modo distorcido, ignorando-se processos e relações existentes.</p>	<p>Deslocamento: um termo costumeiramente usado para se referir a um determinado objeto ou coisa é usado para se referir a outro, e com isso as conotações positivas ou negativas são transferidas.</p>

	<p>Eufemização: ações, instituições ou relações sociais são descritas ou redescritas para despertar uma valoração positiva.</p> <p>Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora): uso figurativo da linguagem que opera a favor da dissimulação das relações de dominação.</p>
<p>Unificação: relações de dominação estabelecidas e sustentadas através de construções simbólicas que interligam os indivíduos em uma identidade coletiva, ignorando-se as possíveis diferenças entre eles.</p>	<p>Padronização: formas simbólicas adaptadas a um referencial padrão, que é proposto como um fundamento partilhado e aceitável de forma simbólica.</p> <p>Simbolização da unidade: construção de símbolos de unidade, de identidade e de identificação coletivas a fim de se apagar possíveis diferenças.</p>

Modos de operação	Estratégias de construção simbólica
<p>Fragmentação: relações de dominação mantidas através da segmentação de grupos que podem subverter a ordem imposta pela classe dominante.</p>	<p>Diferenciação: ênfase nas distinções e divisões de pessoas de um mesmo grupo a fim de gerar conflitos e desunir tais grupos.</p> <p>Expurgo do outro: construção de um inimigo, externo ou interno, retratado como ameaça.</p>
<p>Reificação: relações de dominação sustentadas pela retratação de situações transitórias e históricas como permanentes e naturais.</p>	<p>Naturalização: criações sociais e históricas retratadas como acontecimentos naturais.</p> <p>Eternalização: fenômenos sócio históricos são esvaziados de seu caráter histórico ao serem apresentados como permanentes e imutáveis.</p> <p>Nominalização: desvio do foco do agente real das ações para instituições ou elementos mais generalizados.</p> <p>Passivização: verbos colocados na voz passiva, gerando-se o apagamento de sujeitos</p>

Fonte: adaptação a partir de Thompson (2007)

4 Variação linguística

A norma-padrão é a variedade da língua mais valorizada e cultuada, em virtude disso, as outras variedades são estigmatizadas e menosprezadas. No entanto, é importante

ressaltar que a norma-padrão é uma espécie de “língua artificial”, pois, ela existe, na prática, basicamente, em textos escritos e os seus falantes não a seguem, apesar de a valorizarem. Essa norma é uma criação de um determinado grupo da sociedade, cujas regras gramaticais representam poder e imposição, uma vez que ela possui um grande *status* social, mas poucos conseguem ter acesso em virtude de, em regra, ela necessitar de anos de estudos.

Por outro lado, as outras variedades não possuem o mesmo prestígio, mas são as mais utilizadas pelos falantes no dia a dia. Nesse momento, surge outra classificação de valoração entre as variedades, a qual irá depender de que grupo social a pessoa pertence. A variedade mais bem aceita é a norma-culta, é a utilizada pelas pessoas que têm maior poder econômico e maior escolaridade; as outras são bastante depreciadas e consideradas como erro pela sociedade.

Sobre esses aspectos, Bagno (2012, p. 76) afirma que

O mais importante nessa reflexão sobre **estigma** e o **prestígio** atribuídos às formas linguísticas é saber que esses juízos de valor não têm a ver com as características propriamente linguísticas do fenômeno, mas, sim, com **avaliações sociais lançadas sobre os falantes**, isto é, sobre os seres humanos que empregam essa ou aquela forma linguística.

A opção pela norma-padrão não é um mero acaso, representa a separação de grupos sociais e demarcação de poder, pois passa a existir a língua idealizada, que supostamente uma parcela da população tem domínio e, em outro lado, uma grande parte da sociedade, que desconhece as regras, mas que almeja ter o privilégio de adquirir esse conhecimento, não só o respeitando como se sentindo diminuído diante dos que dominam a norma. Esse sentimento é proveniente de que os textos geralmente escritos tentam obedecer às regras dessa variante e, por isso, não dominá-la implica não entender, por exemplo, cláusulas de contratos. Esse sistema de separação em grupos, de certa forma, reforça o modo de operação da ideologia da fragmentação aliado ao da naturalização em que não se é questionado o motivo dessa variante ser “melhor” do que as demais. Todavia, isso ficará mais claro durante a análise dos dados.

O conceito de erro na língua, em alguns casos, pouco tem a ver com a Linguística, e, sim, com quem comete esses “erros”. Quando uma palavra, mesmo divergente da norma-culta, é reproduzida por falantes de alto poder econômico, essa escrita não é considerada erro,

é vista como brincadeira, o que é possível ser verificado em *memes*¹ ou textos da internet. Mas se quem comete o desvio é um falante de uma classe social mais baixa ele é depreciado e ofendido e o erro é visto como algo imperdoável.

Essa supervalorização da norma-padrão evidencia uma luta de classes e a construção das identidades na sociedade, baseado, simplesmente, em um critério não linguístico. Nesse cenário, há um grupo que estabeleceu as regras e determinou o que é certo e errado e por outro lado, há uma parcela de população que não domina a norma de prestígio, mas ratifica as ideias propagadas pelo grupo dominante.

5 Gênero discursivo

A comunicação interpessoal, atualmente, tem sido essencialmente realizada por meios digitais e as redes sociais fazem parte do cotidiano das pessoas. Seguindo essa mesma tendência, jornais digitais e *sites* de compras abrem espaço para comentários dos visitantes ou consumidores. Em vista disso, a escrita tornou-se basilar nesse processo de comunicação. Como essa modificação na troca de informações se deu de maneira muito rápida, ainda há uma dificuldade ou mesmo limitação a respeito de qual gênero textual essa categoria de comunicação poderia ser classificada.

Em um primeiro momento, as conversas que são produzidas em plataformas como *Facebook*, *Instagram* ou espaço destinado a comentários em *sites*, se desenvolvem por meio de diálogos, então poderíamos dizer que a dialogia é o meio pelo qual os interlocutores se relacionam nas plataformas digitais.

O diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a posição do locutor, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma posição responsiva. (BAKHTIN, 1997, p. 290)

Os diálogos apresentam, também, outra peculiaridade, que é o discurso polifônico. A polifonia é a convergência de várias vozes, esse fenômeno é muito comum no *Facebook* e

¹ O termo é bastante conhecido e utilizado no "mundo da internet", referindo-se ao fenômeno de "viralização" de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade.

afins, pois há a participação de vários interlocutores nos comentários, mesmo que essas vozes não sejam ouvidas. A colaboração de vários participantes sobre um mesmo tema já pode ser considerada polifonia.

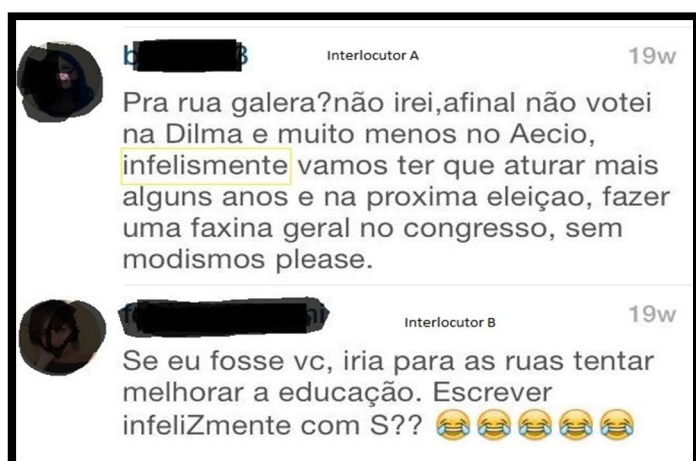
No entanto, esses comentários realizam uma função social por meio de estratégias comunicativas, que apresentam padrões estruturais relativamente estáveis, ocupando a função de textos socialmente situados com propósitos específicos de interação, o que foi denominado por Marcuschi (2008), como sendo gêneros textuais.

Metodologia e seus fundamentos

6 Descrição e análise dos dados

Os dados analisados foram coletados de redes sociais, de jornais digitais e ambientes em sites destinados a comentários para os visitantes. A procura foi, essencialmente, a partir de espaços nos quais havia discussão sobre temas polêmicos ou que geravam muita divergência, pois propiciavam maiores argumentações entre os interlocutores. Os dados selecionados foram apenas àqueles que os interlocutores demonstravam incômodo ou preconceito em relação aos desvios ortográficos.

Dado 1: Comentário do *Instagram*

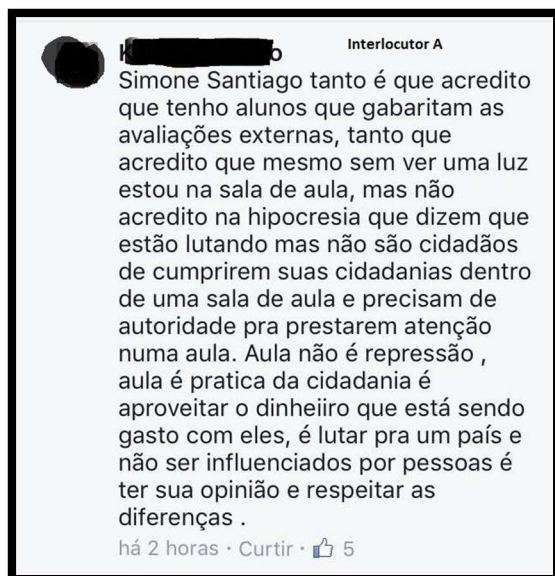


Fonte: *Instagram*

No Dado 1, aparece um erro ortográfico. O interlocutor escreve a palavra “infelizmente” e troca o “s” no lugar do “z”. Esse desvio foi percebido por seu interlocutor que o usa para não só invalidar os argumentos que ele usou para justificar a sua não participação, mas para exemplificar a necessidade de que o “infrator” participe das manifestações pedindo melhoria na educação. Ao cometer esse desvio ortográfico, os argumentos do falante são invalidados, uma vez que a sua dificuldade de escrita é destacada e esse fator é colocado como primordial.

Percebe-se, nesse fragmento, o modo de operação denominado “fragmentação”, o qual é marcado, primordialmente, pela segmentação de grupos. Nesse caso, separando os que escrevem infelizmente com “s” e os escrevem infelizmente com “z”.

Dado 2: Comentário do *Facebook*



Interlocutor B

indo às ruas e ocupando escolas, certamente, cultivaram. Já é alguma coisa. A luta deve ser esta. Os professores são muito mal amparados pelo sindicato - que, é bem verdade, correm atrás de apoio político e nada mais. Mas a classe pode se unir, independente do que pretendem os sindicalistas. A luta não será somente a dos professores, podem ter certeza. Um comentário necessário: rede social é um lugar onde se dissemina informações e opiniões. É um canal muito importante e, por isso, por mais que se perca um pouco mais de tempo, atenção ao português. Abrevia, mas, por favor, não escreva tão errado. Como professora, parece que você é um daqueles personal trainer em academia que é gordinho: nada contra, mas, para a atividade q executa, não passa tanta confiança. Fica a dica.

Interlocutor C
Pra uma professora, seu português ta trash, desculpa... 😬
há 2 horas · Curtir · 9

Interlocutor A
Karine Barbosa e responde assim nem se fala, mas não sou de portugues não
há 2 horas · Curtir · 3

Interlocutor D
Nossa e por não ser de português não precisa saber escrever? Sou professor e vai por mim: O aluno, dos responsáveis, é o menos culpado por este desinteresse na educação... Se a sua aula for boa, se considerar o aluno para o qual você leciona, se tiver atividades que fogem do tradicional, se o projeto pedagógico for bom, se a escola possuir boa

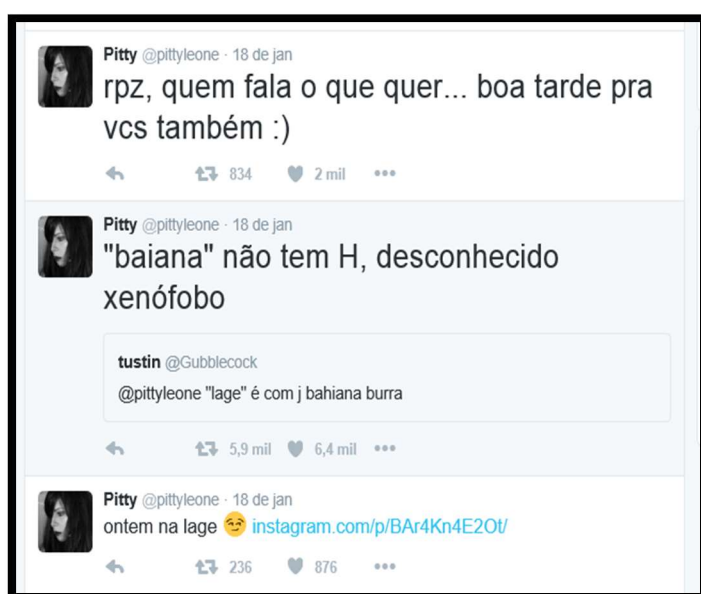
Fonte: Facebook

No primeiro comentário, o interlocutor A escreve um texto confuso e com erros de concordância, pontuação, acentuação e erros ortográficos, como “hipocresia” e “pratica”. Um participante do grupo chamou a atenção de que o erro não poderia ser tolerado pelo fato de ser um professor e não saber escrever. O autor do erro contra-argumentou não ter obrigação por sua disciplina não ser Língua Portuguesa, mas, ainda assim, o seu erro foi reforçado por outros

participantes e o tema da discussão assumiu segundo plano, uma vez que os erros se sobressaíram no debate.

Percebe-se que o diálogo é realizado entre iguais, ou seja, entre professores, no entanto, o interlocutor B ao afirmar que “pra uma professora seu português está trash” questiona o profissionalismo e o “pertencimento” desta no grupo. Novamente, exercendo o modo de operação da ideologia “fragmentação” e eufemiza como “desculpa”, o que, no contexto, não diminui a colocação inicial de o professor não poder errar ao escrever.

Dado 3: Comentário do *Twitter*




Fonte: Twitter


O erro cometido foi ortográfico, pois a cantora Pitty escreveu “lage”. O seu “seguidor” percebe esse desvio e o usa para ridicularizá-la, chamando-a de “burra”. No entanto, ao fazer isso, comete um outro desvio ortográfico o qual foi usado pela cantora para desqualificá-lo também. Note o uso do adjetivo “burra” atribuído para a cantora e dos substantivos “desconhecido”, xenófobo” utilizados por ela para ofendê-lo. Cabe ressaltar que não há neste dado informação suficiente que possa justificar o uso de xenófobo por parte da cantora. Aqui fica bem claro o uso da fragmentação como modo de operação da ideologia e de suas estratégias simbólicas “expurgo do outro” (construção de um inimigo, externo ou interno, retratado como ameaça) e “diferenciação” (divisões de pessoas de um mesmo grupo a fim de gerar conflitos e desunir tais grupos).


O fato de ter escrito com erro ortográfico fez com que os interlocutores tomassem postura agressiva em relação ao outro. E o tema proposto em discussão ficou à deriva.

Dado 4: Comentário do Facebook


 **Interlocutor A**


O companheiro e melhor vc prestar atenção no q vc fala se nao o pau pega eu não acreditei ate hoje parece um pesadelo num consigo acreditar ainda

Ontem às 23:33 · Curtir ·  2


 **Interlocutor B**


Volta p mobral.
O supletivo foi além da sua superioridade.
2 Bjs :* :*

Ontem às 23:37 · Curtir ·  2

 **Interlocutor C**


Retardado
Cada um que chore e fale oq quiser e preste a homenagem que quiser
Se não agüenta mais problema seu e de quem ta incomodado

Ontem às 23:38 · Editado · Curtir ·  3

 **Interlocutor D**

Oww seu otario estamos falando de uma pessoa q morreu
Nao sei se vc ja perdeu alguem q gostava
Nao e facil assim
Ja passou e pronto
Estamos falando de um cara q mts admirava seu trabalho

Há 3 horas · Curtir

 **Interlocutor E**

Sabe nem escrever direito!

Há 25 minutos · Curtir

Fonte: Facebook

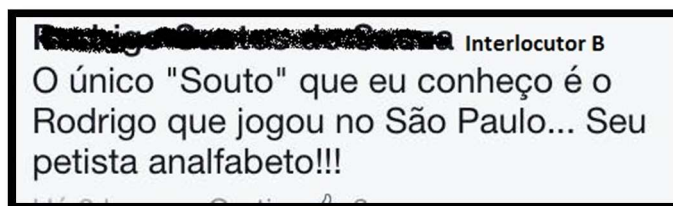
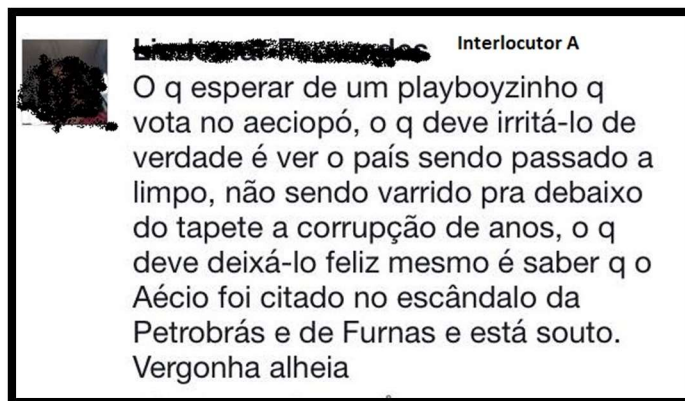
Nessa discussão os participantes cometem erros de acordo com a norma-padrão, mas que são tolerados na internet como a falta de acentuação, por exemplo. Há um excesso de

abreviações, além da reprodução de recursos da oralidade para a escrita. Mas o erro inaceitável por todos foi o ortográfico, ao escrever “pareçe”.

Diante do erro os outros participantes do grupo são intolerantes e deixam claro que, por esse detalhe, ele é uma pessoa inferior. Isso pode ser constatado com “sabe nem escrever direito!” e “volta p Mobral”.

Novamente, fica bem marcado a formação de uma segregação em relação ao não domínio da norma-padrão pelo interlocutor A, por meio do expurgo do outro e da diferenciação.

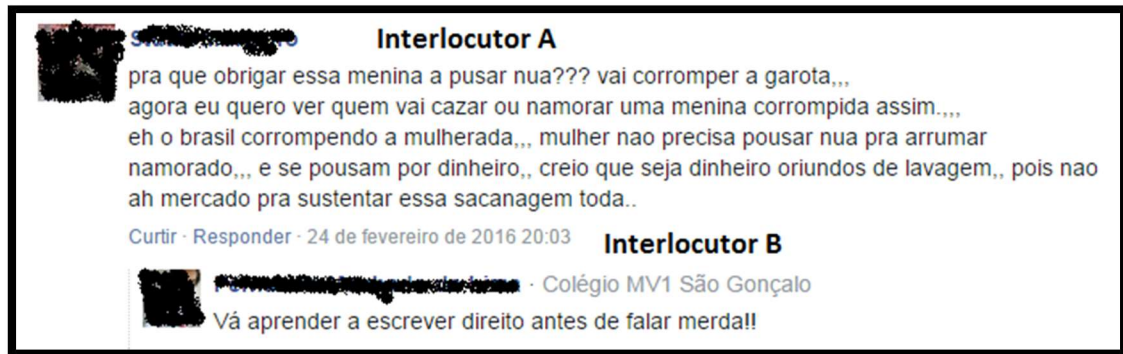
Dado 5: Comentário do *Instagram*



Fonte: *Instagram*

Nesse caso o participante escreveu “souto” e cometeu um desvio ortográfico. Ao ser identificado o erro ortográfico, o participante é chamado de analfabeto e sua opinião sobre o tema debatido passa a ser irrelevante e é usada para expurgá-lo e desqualificá-lo ao ser denominado “petista analfabeto!!!”.

Dado 6: Espaço destinado a comentários em uma reportagem do *site* Uol



Fonte: Comentários de uma matéria do site Uol.

No primeiro comentário, há problemas de coerência, mas três palavras foram escritas com desvios ortográficos, “pular”, “cazar” e “ah”, além de problemas de pontuação, no qual vírgulas foram usadas como reticências. A opinião do participante é desconsiderada, pois, se não sabe escrever, não está habilitado para se expressar.

A opinião do interlocutor A é classificada como “falar merda!!” e, por isso, deve ser desconsiderada, marcando, assim, a diferenciação e o expurgo do outro.

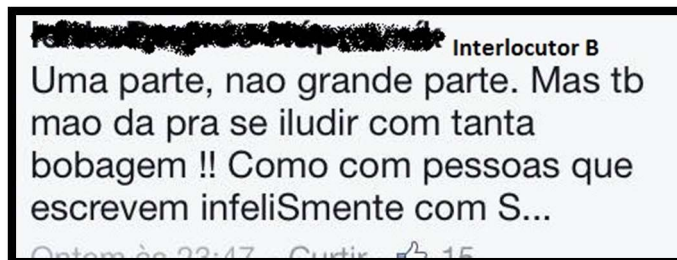
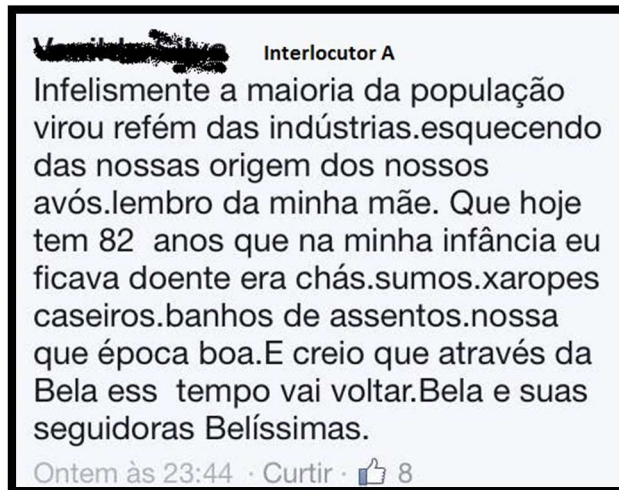
Dado 7: Comentário do *Instagram*



Fonte: *Instagram*

No comentário, há um erro ortográfico. Por ter cometido esse desvio o interlocutor A é chamado de “jumento” e diminuído publicamente, numa clara ofensa, o que é repetido por meio dos demais interlocutores que usam o erro cometido (o “j” no lugar de “g”) para reforçar o erro.

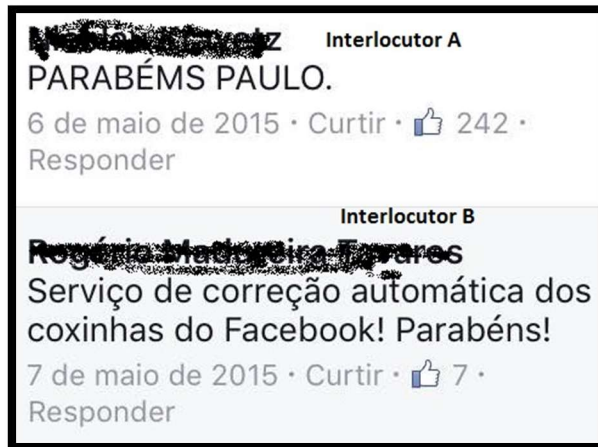
Dado 8: Comentário do *Facebook*



Fonte: *Facebook*

A participante do grupo comete um desvio ortográfico ao escrever “infelismmente”. Diante do “erro” ortográfico, os argumentos da participante são tornados sem efeito, pois ela passa a ser vista como uma pessoa incapacitada de opinar ao ser associada a itens lexicais negativos em nossa cultura como “iludir” e “bobagem”. Marcando, novamente, a separação dos grupos.

Dado 9: Comentário do *Instagram*



Fonte: *Instagram*

No comentário, há um desvio ortográfico da palavra “Parabéms”. O outro interlocutor fez a correção e o erro foi hiperbolizado pelo fato de o autor do erro ter um determinado posicionamento político (“coxinha” é associado aos manifestantes pro-impeachment).

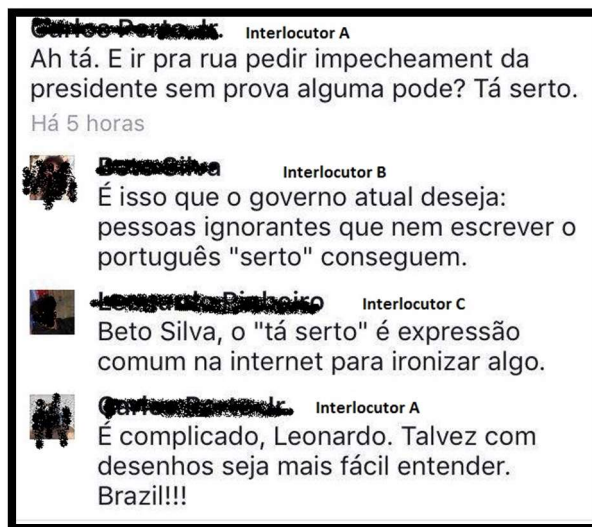
Dado 10: Comentário do *Instagram*



Fonte: *Instagram*

No comentário foi apontado um “erro” ortográfico a respeito da grafia presidente/ presidenta. A discussão acontece, pois, diante do atual quadro político, de acordo com a grafia adotada (“falou presidenta, é simpatizante! ”) aponta o posicionamento político e o grau de instrução e, automaticamente, o associa a um determinado grupo (pessoas que apoiam o governo e que são contrários ao impeachment da presidenta).

Dado 11: Comentário do Instagram



Fonte: *Instagram*

A palavra “certo” foi escrita com “s” no lugar do “c”. O autor do desvio ortográfico foi chamado de ignorante e o seu comentário descartado, uma vez que o seu erro assume posição de destaque. Novamente, percebe-se a formação de grupos distintos: os que sabem escrever “certo” e os que escrevem “serto”.

²Dado 12: Meme

Fonte: Facebook

Neste caso, as palavras não estão de acordo com a norma-padrão e algumas palavras reproduzem a pronúncia coloquial, como é o caso da palavra “nóis” e de outras estruturas gramaticais dessa variante (“nóis vai ver”), mas neste “meme” não há uma reprovação, todos compartilham e os desvios são encarados como brincadeira.

² Este gênero não pertence ao gênero comentário, mas ao que as redes sociais têm denominado “meme”, o qual possui como característica uma imagem que se repete, mas que recebe textos diversos.

Dado 13: Meme



Fonte: Facebook

Neste exemplo, há uma tentativa de reproduzir uma variedade regional típica do Nordeste, além de palavras com desvios ortográficos como “puliça”, no entanto, mais uma vez, esses textos não são depreciados, ao contrário, são replicados, pois têm uma comicidade, provocada pela regionalização da fala.

7 Considerações finais

A norma-padrão é uma variedade da língua com a função de servir de parâmetro ou modelo de boa escrita e de como se expressar no próprio idioma, no entanto, a sociedade exige a propagação desse padrão e valoriza quem supostamente tem o domínio dessas regras. Por outro lado, cria-se um grande abismo entre quem tem acesso à norma culta e quem não tem, estabelecendo uma relação de opressão e diminuição. Marcações que evidenciam, em todos os dados, o uso da *fragmentação* como modo de operação da ideologia e de suas estratégias simbólicas *expurgo do outro e diferenciação*.

É interessante destacar que os dados foram colhidos de redes sociais, em situações e ambientes que, supostamente, a informalidade e a linguagem coloquial seriam permitidas, mas não é o que ocorre, mesmo nesse ambiente descontraído, ficam evidentes as relações de poder e os erros ou desvios da norma que são tolerados, pois um desvio ortográfico é fortemente reprimido e o interlocutor sofre todos os tipos de linchamento, enquanto um erro de concordância ou uma reprodução de uma variedade estigmatizada são vistos com graça. O que se conclui é que há erros considerados graves, ou seja, alguns são tolhidos e outros aceitos. “ A avaliação é essencialmente social, isto é, não é propriamente a língua que está sendo avaliada, mas, sim, a pessoa que está usando a língua daquele modo”. (BAGNO, 2012, p. 77)

A ideologia tem grande contribuição nessa forma de classificação do que de fato é considerado erro na língua. A sociedade legitima o discurso de não saber falar a própria língua e, diante dessa dificuldade, quem consegue ter o conhecimento da norma-padrão se sobressai. A maneira como a pessoa se expressa pode também ser um fator de segregação, pois, em alguns dados analisados, o fato de o interlocutor usar a palavra “presidenta”, foi o estopim para ser segregado e estigmatizado.

Em um cenário como esse, observa-se que a norma é de fato muito importante e de grande peso para a sociedade, mas nem todas as situações cabem um revisor. É importante que o revisor tenha a sensibilidade de perceber a adequação textual e o contexto em que devem ser feitas as interferências. Nas situações mencionadas no artigo, os interlocutores que se propuseram servir de revisor, soaram pedantes e opressores da própria língua, visto que o ambiente é democrático e aberto a pessoas de todos os níveis sociais e de escolaridade.

MONITORING THE WRITING AND APPRECIATION OF THE NORM STANDARD IN SOCIAL NETWORKS

ABSTRACT

The internet has promoted major changes in the way of communication between people. With the popularity of social networking, writing interaction has become part of everyday life, but despite the internet being an informal setting, there is an appreciation of the standard, however the requirement for a standardized written will depend more on who writes than about what is written and spelling certain deviations will be a factor of social exclusion. This research analyzes error occurrences from the norm standard and reading in social networks. The research is qualitative and noted that the errors are used as a means of invalidating the argument or questioning done by the "offender". This result shows that, although not school evaluation

reason, the posts are harshly criticized revealing the modes of operation of ideology postulated by Thompson (2011), which should be taking into account by the author, since he is the first broker your text.

Key words: Desneutralização spell. Social exclusion, social network,

8 Referências

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**. São Paulo: Parábola, 2012.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.) **Bahktin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 9-32.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Hermentina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T.T. (org.) **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

MARCUSCHI, L.A. Noção de gênero textual, tipo textual e domínio discursivo. In.: **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. pp. 154-161.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T.T. (org.) **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.